



Escola Bíblica Dominical

LIÇÃO 17

A missão: dos discípulos e nossaⁱ

Texto-base: Mt 10

As principais ligações entre o discurso em Mateus, capítulo 10, e os pareceres finais no capítulo 9, são dois: primeiro, a compaixão do Salvador que viu a enorme necessidade da multidão levou naturalmente à comissão de outros trabalhadores; segundo, os sinais da crescente oposição contra Jesus (9:34) o levaram a gastar uma parte considerável do discurso precavendo seus seguidores do tipo de oposição que eles também deveriam esperar.

Todavia, o discurso sobre missão nesse capítulo 10 é parte de um desenvolvimento ainda mais abrangente. O próprio Jesus, como veremos nas próximas lições, esperava uma demora substancial antes que o fim chegasse. Durante esse período, ele iria edificar sua Igreja, usando em primeira instância os homens que Ele mesmo havia treinado.

Esse capítulo é, portanto, parte de um padrão de treinamento que culmina na Grande Comissão (28.18-20). Lucas relata não apenas esta missão de treinamento dos doze (Lucas 9.1-6), como também uma outra para um grupo maior de 70 ou 72 discípulos (Lucas 10.1-16). Todos os quatro Evangelhos deixam claro que Jesus gastou tempo extra em particular com os doze, especialmente pouco antes da cruz.

O discurso, portanto, focaliza dois níveis diferentes. Por um lado, existem instruções aplicáveis apenas à missão de treinamento logo adiante (10.5-16). Essas instruções incluem a proibição contra pregar aos gentios ou samaritanos (10.5,6), os suprimentos reduzidos que era permitido aos doze levarem (10.9,10), e a dramática autoridade delegada a eles (10.8).

Por outro lado, o restante do capítulo (10.17-42) – embora comunique muitas coisas que são úteis em qualquer projeto evangelístico cristão, incluindo esta primeira missão de treinamento - visa claramente uma situação que vai além da missão imediata. Esses mesmos homens um dia seriam açoitados sob o comando dos concílios judaicos locais (10.17) - certamente algo que não aconteceu até após a ressurreição. Além disso, eles iriam ser levados perante governadores e reis pagãos como parte de

seu testemunho aos gentios (10.18), mesmo que na missão imediata eles fossem apenas às “ovelhas perdidas da casa de Israel” (10.6). Parece então que Jesus queria que seus seguidores entendessem a missão deles, imediata e de curto prazo, em termos do desafio de toda uma vida que eles enfrentariam - um desafio confrontado por todas as gerações sucessivas de crentes.

O esboço do capítulo pode ser dado como segue. A passagem inclui o chamado dos doze (v. 1), a nomeação dos doze separados em grupos de dois (v. 2-4) e instrução sobre aonde ir (5,6). Em adição, há uma exortação sobre o que fazer: curar e pregar sem cobrar (7,8) e viajar de forma simples (9,10). Há também ensino sobre como entrar e ficar em uma cidade, incluindo como lidar com a rejeição (11-14), advertência sobre o destino das cidades que os rejeitam (15), e diretriz sobre ser ao mesmo tempo sábio e sem malícia (16). A questão de como lidar com a perseguição e a rejeição segue nos versículos 17 a 25. A seguir vem a exortação sobre a quem realmente temer e sobre confessar Jesus (26-33). Jesus assegura a seus discípulos que sua missão será motivo de divisão. Depois, ele promete que receberão a recompensa os que responderem (10.40-11.1).

Quatro dos temas desenvolvidos nesse capítulo requerem uma breve consideração.

Primeiro, em contraste a uma grande quantidade de parlenga religiosa sentimental, Jesus não esperava que por onde seu evangelho fosse pregado houvesse uma doçura e uma luz instantâneas. Pelo contrário, ele visionava que a pregação do evangelho iria, na realidade, em muitos casos, dividir famílias (10.34-36). Isso de maneira alguma justifica, por exemplo, o comportamento do jovem novo convertido que fica esnobe ou desenvolve táticas de piedade e de santarrão no seio de sua família incrédula. Ao invés disso, pressupõe-se que as famílias humanas são também malignas (cf. 7.11), em rebelião contra Deus, e quando algum membro da família dá sua lealdade ao Senhor Jesus, haverá necessariamente um conflito com os membros da família que não tomam o mesmo passo.

Embora a Bíblia defenda fortemente a importância e a integridade da família e a responsabilidade das crianças de honrarem seus pais, Jesus também insistiu que onde exista um conflito fundamental entre as reivindicações da família e suas próprias reivindicações, são estas últimas que devem ter prioridade.

Segundo, num âmbito mais abrangente Jesus esperava que seus seguidores encontrassem oposição, algumas delas brutais. Ele já havia prevenido potenciais seguidores para contarem o custo (8.18-22); agora ele voltou ao tema com detalhes mais sombrios. Seus seguidores não iriam apenas ser açoitados (10.17) e arrastados perante vários oficiais (10.18), mas também enfrentariam traição, ódio, e mesmo a morte (10.21,22), como ele já havia indicado no Sermão do Monte (5.10-12).

Essa ênfase faz parte de uma perspectiva sustentada pelo Novo Testamento. Jesus noutras ocasiões voltou ao mesmo tema (veja João 15.18-16.4), e Paulo insistiu que “todos os que querem viver piamente em Cristo Jesus padecerão perseguições” (2 Timóteo 3.12). Considerando toda a história do cristianismo, devemos reconhecer quão fora de norma é a experiência de muitos crentes ocidentais hoje em dia. Mesmo aqui, entretanto, muitos enfrentam pequenas pressões da família, no emprego, e de amigos, enquanto que em outros lugares irmãos e irmãs em Cristo muitas vezes enfrentam oposição mais violenta.

Onde a Igreja não enfrenta virtualmente nenhuma perseguição, isso ocorre ou porque ela é tão forte que domina a oposição (e nesse caso corre o perigo da arrogância, do abuso do poder, e de uma irresistível autoconfiança); ou porque ela foi subjugada pela cultura local e por essa razão não mais apresenta uma ameaça (e nesse caso a condição da Igreja é ainda mais arriscada, pois o próprio Deus irá julgá-la – uma vez que o julgamento começa com a família de Deus: veja 1 Pedro 4.17). O que os crentes devem sempre lembrar é que somente aqueles que reconhecem a Cristo são reconhecidos por Ele perante o Pai (Mateus 10.32,33).

Terceiro, a razão pela qual Jesus podia fazer reivindicações de tamanha importância e requerer lealdade tão inequívoca deve-se a uma visão abrangente de quem Deus, o Pai, realmente é. Ele é o juiz final que um dia requererá uma exata prestação moral de contas, até mesmo sobre as coisas mais encobertas (10.26,27). Além disso, como juiz Ele tem poder não apenas para aplicar castigos transitórios que os crentes possam sofrer durante sua peregrinação, como também “pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo” (10.28). Ao mesmo tempo, Ele é o soberano cujo reinado é tão extenso que nem mesmo um pardal cai no chão sem o Seu decreto (10.29). Portanto, podemos confiar nEle mesmo em meio a perseguição; e por vezes Ele providenciará uma ajuda bem especial (10.18-20).

A lição a ser aprendida é que conhecer Deus num mundo que não O conhece, embora tenha seu preço, é infinitamente preferível. É eminentemente mais razoável amar, temer, e confiar nAquele a Quem devemos prestar contas, do que colocar nossas esperanças e lealdade num mundo que já está sob julgamento. Como nos versículos finais do Sermão do Monte, também aqui a razão maior para crer no evangelho e tornar-se discípulo de Jesus não é o desejo de ter uma vida melhor agora, mas a importância de viver agora à luz do julgamento e da condenação porvir. Sem essa perspectiva escatológica (como é chamada), as reivindicações e as demandas do evangelho do reino não fazem nenhum sentido.

E, finalmente, em quarto lugar, o seguidor de Jesus está tão ligado ao próprio Jesus, que a rejeição de Jesus pelo mundo será necessariamente transferida ao seguidor de Jesus (10.24,25). O oposto também é verdadeiro: isso quer dizer que aqueles que aceitam a Jesus aceitam também os seus seguidores. Na verdade, pode ir-

se além, e dizer que aqueles que aceitam os seguidores de Jesus simplesmente porque eles são seguidores estão na mesma medida aceitando o próprio Jesus (10.40-42). Essa reciprocidade jaz no âmago da evangelização, como também no cerne da comunhão cristã.

Aplicação / perguntas para discussão:

- ✓ Os que quiserem trabalhar na obra do Senhor devem ser moderados quanto às suas expectativas. Não devem pensar que um sucesso (na perspectiva humana) universal acompanhará os seus esforços. Pelo contrário, devem esperar encontrar muita oposição. Devem ter em mente o fato de que serão odiados, perseguidos e maltratados, e isso até mesmo da parte de seus parentes mais chegados. Frequentemente, sentir-se-ão como ovelhas entre lobos. Recordemos sempre disso. Sem importar se estivermos pregando, ensinando, escrevendo ou dando conselhos, ou qualquer outra coisa que estivermos fazendo, que seja um pensamento constante não esperarmos mais do que as Escrituras e a experiência garantem. A natureza humana é muito mais iníqua e corrupta do que às vezes pensamos, e o poder do mal é maior do que supomos. É inútil imaginar que todos perceberão o que é melhor para eles, e que acreditarão no que lhes dissermos. Isto seria uma expectativa muito alta, e ficaríamos logo desapontados. Aqui certamente está a razão secreta porque muitos têm dado as costas para a boa causa, depois de terem parecido tão cheios de zelo no princípio: começaram com expectativas muito altas, não calcularam o preço, como Jesus manda que façamos.

- ✓ O versículo 16 indica nossa necessidade de orar por sabedoria, bom senso e uma mente sadia, pois Jesus disse para sermos prudentes como as serpentes e simplices como as pombas; e também disse que, se fôssemos perseguidos em alguma cidade, era legítimo fugir para outra. Poucas foram as instruções dadas por Jesus tão difíceis de praticar como esta. Jesus demarcou uma linha entre dois extremos, mas é necessário grande discernimento para que a possamos definir. Um desses extremos é evitar a perseguição, mantendo-nos calados e conservando nossa fé inteiramente para nós mesmos; o outro extremo é cortejar a perseguição, forçar nossa fé sobre todas as pessoas que encontramos, sem levar em conta o lugar, a hora ou as circunstâncias. O extremo para o qual a maioria se inclina hoje é o silêncio, a covardia, deixando os demais imperturbados. Essa suposta prudência tende por degenerar em uma conduta caracterizada pela negligência e pela mais franca infidelidade.

Justificamo-nos em não envidar esforços para o bem das almas dizendo que seria indiscrição, inconveniência, ou que provocaria uma ofensa desnecessária, uma agressão contra as pessoas. Mas a verdade é que a preguiça e a atuação do diabo são geralmente a verdadeira explicação para tal atitude. Sem dúvida é agradável para a carne e o sangue ceder a essa atitude, pois ela nos poupa de muitas dificuldades...

- ✓ Por outro lado, é impossível negar que também existe um zelo santo, “porém não com entendimento” (Rm 10.2). É possível ofender desnecessariamente as pessoas, cometer grandes equívocos e despertar intensa oposição, que poderia ter sido evitada com um pouco de prudência, um procedimento sábio e o exercício de bom senso. Tenhamos cuidado para não nos tornarmos culpados a esse respeito. Podemos ter certeza de que a sabedoria cristã existe e que é inteiramente distinta das sutilezas jesuíticas e do procedimento carnal. Claro, sempre haverá bastante ofensa no verdadeiro cristianismo para os ímpios; porém não devemos acrescentar ofensas desnecessárias ao evangelho. “Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, e, sim, como sábios” (Ef 5.15).
- ✓ A ameaça de perseguição, de espancamento e de morte leva Jesus a assegurar os trabalhadores missionários a não temerem, porque tudo será revelado e feito conhecido. Aqueles que perseguem serão responsabilizados por Deus. Os discípulos devem simplesmente seguir a orientação de Jesus para declararem abertamente nos telhados das casas, acima do barulho da rua, o que Jesus diz a eles. As imagens aqui são de corarem e testemunho público. A escolha deles de quem temer, a Deus ou àqueles que podem mata-los fisicamente, determina sua habilidade para cumprirem esse chamado. Assim, Jesus insiste com eles para que temam a Deus porque Ele pode destruir a alma e lançar o corpo no inferno. O objetivo de Jesus não é motivar com medo, mas deixar clara a escolha entre estar seguro em um mundo que não pode dar vida, embora possa tirar a vida, ou agradar Aquele que julgará a lealdade do coração das pessoas.
- ✓ Nos versículos 37-39 Jesus faz uma declaração culturalmente chocante, a de que a lealdade a ele é mais importante que a lealdade a pais e filhos. No judaísmo, assim como para grande parte (do que resta) de nossa cultura, nenhum relacionamento humano é mais significativo do que aquele com a família. Além disso, Jesus ensina que uma indisposição para tomar a sua cruz, isto é, enfrentar a vergonha da rejeição ou mesmo a morte, torna uma pessoa indigna dele. O sentido é que se alguém prefere a popularidade com sua família a seguir a Jesus, então essa pessoa nunca o abraçará nem encontrará vida,

porque muitos na família dessa pessoa rejeitarão Jesus. Assim, aquele que encontra “vida” nesse mundo ao protegê-la da rejeição e oposição futura, perderá a verdadeira vida. Por outro lado, a pessoa que perde sua vida por causa de Jesus a ganhará. Aqui está uma elevada afirmação: que a lealdade a Jesus pode resultar em vida mesmo quando se perde a vida física. Nessas observações, Jesus deixa claro quão desafiador e exigente será conhecê-lo para aqueles que seguem seus passos em mundo hostil.

- ✓ Jesus ainda acrescenta mais uma razão para não temermos: se a providência de Deus é tão abrangente que nem mesmo o pardal cai do céu independentemente da vontade de Deus, não se pode confiar nesse mesmo Deus para estender Sua providência para os discípulos de Jesus? O pardal era usado como alimento pelas pessoas muito pobres, e a menção de Jesus a “vosso Pai” lembra que o Deus de toda providência é o Pai dos discípulos. A soberania de Deus não está limitada apenas a questões de vida e morte – até mesmo os fios do nosso cabelo são contados. Jesus diz que a soberania de Deus sobre os mínimos detalhes nos dá segurança de que ele também dirige os assuntos maiores.

ⁱ Esta lição é baseada nos livros: **Meditações no evangelho de Mateus**, de J. C. Ryle (Editora Fiel); **O comentário de Mateus**, de D. A. Carson (Shedd Publicações); **Deus conosco**, de D. A. Carson (Editora PES); e **Jesus segundo as Escrituras**, de Darrell L. Bock (Shedd Publicações).